



ADORÁVEIS MARGINAIS

Wilson Alves-Bezerra

OS DENTES DA MEMÓRIA. PIVA, WILLER, FRANCESCHI, BICELLI E UMA TRAJETÓRIA PAULISTA DE POESIA, DE CAMILA HUNGRIA E RENATA D'ELIA, RIO DE JANEIRO, AZOUGUE, 2011, 255 P.

M

uitas antologias literárias publicadas ultimamente mostram, pela multiplicidade de projetos de escrita existentes, a dificuldade de seguir usando o termo geração literária. Cernir unidades parece tarefa vã quando a noção de literatura nacional também vai perdendo o sentido e suas tintas se esmaecendo. Pois o livro-reportagem de Camila Hungria e Renata D’Elia, sem lançar mão de recursos que não a palavra de um grupo de escritores e seus contemporâneos – os amigos, o editor, as namoradas –, trama a teia de relações de um grupo que já foi nomeado como “geração dos novíssimos”, geração 60, poetas marginais, entre outros, e que inclui, de alguma forma, Roberto Piva (1933-2010), Claudio Willer, Antonio Fernando de Franceschi e Roberto Bicelli.

Piva teve, na última década, toda a sua obra relançada pela Editora Globo, em três belos volumes, o último deles com a gravação em áudio da voz do próprio autor, já debilitado mas ainda vigoroso, lendo poemas de toda a sua carreira. Willer, certamente o mais atuante entre eles, relançou sua obra poética pela Lamparina em 2004, e vem fazendo frequentes incursões na crítica acadêmica (como o lançamento de *Um Obscuro Encanto, Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna*, Civilização Brasileira, 2010) e de divulgação (*Geração Beat*, L&PM, 2009). De Franceschi, ganhador de alguns prêmios Jabuti na década de 80 por sua obra lírica, acaba de lançar nova coletânea de poemas, *Sete Suítes*, pela Companhia das Letras (2010).

Assim, a relevância do livro de Hungria e D’Elia consiste em trazer à luz as memórias e a palavra dessa geração de autores, em capturar essa “trajetória da poesia paulista”, ocorrida antes da ditadura militar, num momento em que São Paulo, nas palavras de Willer, “ainda era província”. O livro é composto por vários depoimentos – tomados entre 2007 e 2010 – de cada um dos personagens. O mérito das repórteres foi o de tratar de alguns mesmos pormenores com todos os entrevistados, e depois intercalar as respostas, expondo concordâncias e contradições; no momento de organizar a trama, retiraram as perguntas. Assim, o que se tem é um longo diálogo forjado que dá ao leitor a impressão de uma longa conversa de reminiscências pessoais e geracionais, na qual se avança vertiginosamente – em meio a humor e contradições – da São Paulo dos anos 50 até os dias que correm. Ao fim do volume inclui-se um curto relato das autoras sobre Roberto Piva, no início de 2010, já hospitalizado e vivendo seus últimos dias.

Nesse sentido, a parte gráfica funciona como memória visual: o volume conta com um material precioso, que inclui resenhas de jornais e revistas brasileiras e estrangeiras, cuidadosamente reproduzidas de modo a possibilitar ao leitor sua leitura integral, fotos de arquivos pessoais e capas de livros. A “trajetória de poesia” assim concentrada, em texto e imagem, permite ao leitor ver como se formou aquele grupo de jovens vigorosos, exibidos nas primeiras fotos plenos e em poses desafiadoras, em seus paraísos literários e artificiais, tocando o horror cidade afora, lendo e escrevendo poesia noite adentro. Logo, o refluxo criativo com a entrada da idade adulta mostra como é duro à poesia resistir aos apelos mundanos da subsistência, à família, ao trabalho. E a parte final do livro mostra qual foi a resposta de cada um às contingências, e como se deu a reinvenção pessoal, trazendo no corpo as cicatrizes do tempo.

Figuras fundamentais tomam parte da conversa, como Massao Ohno, o editor independente que possibilitou que em 1961 muitos desses autores figurassem em sua *Antologia dos Novíssimos*, ou na então recém-lançada *Coleção dos Novíssimos*. Quem se interessa pela história editorial certamente encontra na figura de Ohno, filho de militar japonês, um nome sem o qual dificilmente teria se constituído uma geração de modo tão cabal. Intuitivo, Massao foi definido

WILSON ALVES-BEZERRA é professor do Departamento de Letras da UFSCar, tradutor e autor de *Reverberações da Fronteira em Horacio Quiroga* (Humanitas/Fapesp).

- 1 Piva fez parte da *Antologia dos Novíssimos* (1961), e teve ainda editado por Ohno os seguintes livros: *Paranoia* (1961), *Piazzas* (1964), *Abra os Olhos e Diga Ah!* (1975), *20 Poemas com Brócoli* (1981).
- 2 De Willer, Ohno editou: *Anotações Para um Apocalipse* (1964), *Dias Circulares* (1976) e *Jardins da Provocação* (1981).
- 3 De Lima foram editados por Massao Ohno: *Amore* (1963) e *Collage* (1984).
- 4 Massao Ohno editou Hilst do começo de sua carreira até seus últimos anos: *Trovas de Muito Amor para um Amado Senhor* (1961), *Sete Cantos do Poeta para o Anjo* (1962), *Da Morte. Odes Mínimas* (1980), *A Obscena Senhora D* (1982), *Cantares de Perda e Predileção* (1983), *Poemas Malditos, Gozosos e Devotos* (1984), *Sobre a Tua Grande Face* (1984), *Amavisse* (1989), *O Caderno Rosa de Lori Lamby* (1990), *Bufólicas* (1992), *Cantares do Sem Nome e de Partidas* (1995), *Do Amor* (1999).
- 5 De Pallottini, Ohno editou *Esse Vinho Vadio* (1988).
- 6 De Olga Savary, Ohno publicou: *Sumidouro* (1977), *Altaonda* (1979), *Magma* (1982), *Linha D'Água* (1987), *Retratos* (1989), *Éden Hades* (1994).
- 7 Figurou na *Antologia dos Novíssimos* (1961) e teve publicado o seu *Motivos Alheios* (1983).
- 8 Ohno editou *Paisagem Doméstica* (1984).
- 9 O historiador Istvan Janc só teve um poema seu figurando na *Antologia dos Novíssimos* (1961).

por Carlos Vogt como “talvez o maior editor desorganizado que melhor contribuiu para organizar a poesia brasileira jovem durante pelo menos três décadas”.

O fato é que passaram pelo prelo de Ohno autores tão diversos como podem ser Roberto Piva¹, Claudio Willer², Sérgio Lima³, Hilda Hilst⁴, Renata Pallottini⁵, Olga Savary⁶, Álvaro Alves de Faria⁷, entre muitos outros, como o próprio Vogt⁸ e o professor de história da USP Istvan Jancsó⁹ (1938-2010).

Quanto ao trabalho gráfico das obras publicadas por Ohno, é notório o cuidado e a inovação gráfica. Veja-se, por exemplo, o caso da parceria com o fotógrafo Wesley Duke Lee, recentemente falecido, responsável pelas imagens da São Paulo de *Paranoia* (1961), de Piva, e as ilustrações de *Sete Cantos do Poeta para o Anjo* (1962), de Hilst.

Os Dentes da Memória resgata parcialmente esse trabalho de vanguarda de Ohno, além de recuperar a história e os bastidores de um evento da cultura paulistana de caráter fundamental, do qual pouco se fala. Trata-se da Feira Paulista de Poesia e Arte, acontecida em novembro de 1976, no até então sagrado solo do Teatro Municipal de São Paulo, sob os auspícios de Sábato Magaldi, secretário municipal de Cultura à época. Os eventos ocorridos no Municipal soaram excessivos à sociedade paulistana, amansada pela ditadura havia anos e ouriçada pelos rumores do espetáculo do grupo musical Dzi Croquettes, além de *performances* radicais como a de um rapaz urinando no palco e, é claro, de leitura de poesia, exibição de filmes e exposição de artes plásticas. A gritaria foi generalizada, inclusive na imprensa, a tal ponto que o secretário Magaldi – que teve sua demissão pedida num editorial do *Estado* – precisou vir a público, nas páginas do *Jornal da Tarde*, contextualizar e dar sentido ao que havia acontecido no Municipal.

Embora já tenha sido objeto do relato *Volta*, de Claudio Willer (Iluminuras, 1996), é com o apoio do registro jornalístico das fotos e jornais da época que o leitor de hoje pode ter uma ideia mais clara do alcance daquele evento, que foi qualificado por seus contem-

porâneos como o primeiro movimento cultural de impacto ocorrido em São Paulo desde a Semana de Arte Moderna, de 1922. Cabe ressaltar que a promoção do evento esteve a cargo de Massao Ohno, e que foi inicialmente idealizado como um lançamento coletivo de 25 poetas. O editor assim justificou a ideia da feira: “Era muita gente. Eu queria justamente me livrar do compromisso de lançar um por um. Tínhamos que beber muito em cada lançamento!” (p. 120).

Ainda está no livro, pungente, a recepção crítica dos livros fundamentais daqueles anos: *Paranoia*, de Roberto Piva, mescla visceral de *Pauliceia Desvairada* com *Poeta em Nova Iorque*, largamente comentado por seu próprio autor e contemporâneos. O mesmo cuidado é oferecido a *Anotações para um Apocalipse*, de Claudio Willer, e, na década de 70, ao livro de Bicelli, *Antes que Eu Me Esqueça* (1977), que também tem sua gênese recobrada. De Franceschi surge, tal como Bicelli, na condição de espectador de Piva e Willer naqueles primeiros anos, pois suas publicações só acontecem nos anos 80, pela Editora Brasiliense. Toninho Mendes, a certa altura, declara: “Todo mundo que nasceu junto com o Piva sofre do mal de ter nascido junto com o Piva, porque ele é o sol, e fica todo mundo rodando em volta. Ele é mais, ele tem mais peso, mais linguagem, mais sangue e mais vida” (p. 173).

Outras figuras importantes daquela época, como Jorge Mautner, Hilda Hilst e Orides Fontela, são mencionadas lateralmente ou fazem aparição meteórica, e deixam no leitor o desejo de ver aquela teia de relações ampliada para esses outros nomes, como forma de situá-los no contexto de então. De toda forma, a contribuição desse livro-reportagem é fundamental, por resgatar de modo documentado processo de escrita e circulação da poesia em São Paulo de um grupo tão singular. Até então, tinha-se muita reflexão sobre o movimento concreto, mas essa vertente mais visceral – que levou Piva a dizer que “não existe poesia experimental sem vida experimental” (p. 35) – de fato merecia ser mais bem iluminada. O curioso é perceber como

esse grupo, que se constituiu e se sustentou à margem dos meios universitários, nos últimos anos vem recebendo da universidade seu processo de entrada no cânone: das teses acadêmicas dedicadas ao grupo às incursões de Claudio Willer na pós-graduação (atualmente cursa pós-doutoramento em Letras, na USP), vai se garantindo um lugar no circuito oficial.

De outra parte, percebe-se como, mais do que de uma geração, está se falando de um grupo de amigos, reunidos pelo gosto à poesia, mais até do que pela escrita. A máxima utilizada por De Franceschi em seu depoimento ao filme *Uma Outra Cidade* (2000), de Ugo Giorgetti, de que o que os uniu, acima dos credos literários, foi a amizade, parece se confirmar quase uma década depois. Inclusive a antologia de poemas dos quatro autores que fecha o volume se presta a mostrar, mais uma vez por palavras próprias, a estatura e o alcance diverso de cada um.

De Piva ficam suas imagens poéticas vigorosas, como esta do sol no fragmento do “poema com brócoli” em homenagem a Murilo Mendes:

“mestre Murilo Mendes tua poesia são
os sapatos de abóboras que eu calço
nestes dias de verão.
negócio de bruxas.
o sol caía na marmitta
do adolescente na lavanderia.
você veria isso com seu olhar silvestre.
um murro bem dado no vitral que eu
[mais adoro” (p. 198).

Willer, sempre provocativo, e que diz de si mesmo que tem “cabeça de ensaísta, não de poeta” (p. 177), comparece em fragmentos de ironia plena:

“vocês não entenderam nada, vocês não
[sabem nada
poesia não é querer escrever bem
poesia é o que eu ainda vou relatar em
[prosa
poesia é o que eu ainda pretendo escrever
[...]” (“A Palavra”, p. 218)

Bicelli comparece com um tom leve e bem-humorado, de poeta solar, que em determinada altura declarou de si mesmo, deixando clara sua opção de vida, que, “Se bebesse, faria teatro, publicidade e poesia. Mas prefiro beber pouco e manter meu corpinho de toureiro espanhol. Prefiro ficar na boa do que ser um poeta maldito, me foder e ficar com Alzheimer depois”. De Bicelli podem-se destacar os improváveis versos eróticos:

“lambeu-me a orelha até o ouvido
virou de umbigo e gozou comigo
veio ajudar-me a fazer a feira
e administrar nossos bens.
que mais posso dizer desse clima?
nada, apenas que se ignore duas linhas
[acima” (p. 223).

De Franceschi é o poeta mais dissonante do grupo. Detentor de uma lírica que se opõe ao derramamento dos companheiros, opta pela contenção, e se mantém em torno a um objeto não nomeado no poema “Algo”:

“há algo feito e acabado
que desmente a teoria
algo livre das aduanas
que flota justo e medido
no lírio das cumeeiras
algo subtraído das ganas
que se preserva intocado
algo entre as unhas
pelo tecido lunar
que te desconcerta e redime
algo certo algo errado
como inteiro domicílio
uns restos no copo
e a ressaca que volta
algo que é também soberba
e te ilumina
algo que não pode ser recuperado
por simples razão
teus mitos
como um quarto fechado
algo vertido na lâmina
que por descuido a corrói
algo sem gume nem corte
mas cujo toque dói” (p. 236).